



## **Na fronteira entre jornalismo e literatura: um levantamento das pesquisas mais atuais em livro- reportagem nos congressos da SBPJor**

**Beatriz Vilardo<sup>1</sup>**  
**Felipe Gomberg (Orientador)<sup>2</sup>**

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

**Resumo:** Este artigo propõe um levantamento dos estudos acadêmicos mais atuais sobre livro-reportagem no Brasil, a partir de pesquisa realizada no repositório on-line da SBPJor referente aos anais nos últimos congressos nacionais. Nosso objetivo é de identificar os diferentes trabalhos publicados, as formas de conceituar livro-reportagem e percebê-lo como formato híbrido entre o editorial e o jornalístico. Buscaremos ainda acompanhar como os autores desses estudos levantam aspectos do desenvolvimento dessa forma textual como segmento do mercado editorial.

**Palavras-chave:** Livro-reportagem; Livro de repórter; jornalismo; SBPJor; gêneros jornalísticos.

### **1. Introdução**

Livro-reportagem. Livro de repórter. Romance-reportagem. Jornalismo literário. Jornalismo best-seller. Biografia jornalística. Essas são apenas algumas das formas de se referir às reportagens que extrapolam as páginas de jornais, de revistas e sites de veículos jornalísticos. Esse esforço literário em torno da reportagem pode nas-

---

<sup>1</sup> Aluna do sexto período do curso de graduação em Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Aluna de Iniciação Científica do Departamento de Comunicação da PUC-Rio.

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Comunicação pela PUC-Rio. Coordenador da Editora PUC-Rio. Editor do periódico científico Alceu (Comunicação, PUC-Rio). E-mail: gomberg@puc-rio.br

cer como resultado de uma grande reportagem ou uma série veiculada na imprensa ou ainda pode ter sido um projeto desde o início concebido para a publicação em livro.

Essa prática jornalística que descende da reportagem ampliada, do jornalismo literário, do novo jornalismo, do jornalismo gonzo e outras derivações é também objeto de reflexões acadêmicas na área de Comunicação. Seu estudo se relaciona diretamente com produção editorial, por um lado, uma vez que sua aparição e comercialização se dão no formato de livro, mas este tipo específico de livro surge como consequência da prática da reportagem, portanto, é sobretudo resultado do trabalho jornalístico, um subproduto desse fazer jornalístico. Na classificação dos gêneros jornalísticos proposta por Melo e Assis (2010), se enquadra como gênero diversional. Com estrutura textual apoiada na narrativa ficcional-literária, desperta e cria vínculos com o leitor, aproximando-o da história narrada, através de recursos jornalísticos como a história de interesse humano ou a história colorida, mas distanciando-se da objetividade apregoada nas redações.

O objetivo de nossa atual pesquisa, aqui representada na forma de artigo, é oferecer contribuição para a compreensão do livro como meio de comunicação e investigá-lo como espaço nobre para exercício do jornalismo. Localizamos a forma livro-reportagem como relevante gênero do mercado editorial, mas ao mesmo tempo vinculada com o exercício do jornalismo, enquadrando esse tema de pesquisa como espaço de prática jornalística, derivada do gênero reportagem.

Partimos de um esforço prévio (GOMBERG, 2006; 2016) de análise do objeto livro como resultado dos aspectos econômico, social, intelectual e político a ele associados. A preocupação teórica até aqui residiu em discutir a influência que esse meio de comunicação impresso exerce nos leitores como suporte do texto. Segundo Roger Chartier, “os livros são objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (CHARTIER, 1999, p. 8).

Esta nova pesquisa que agora iniciamos discutirá aspectos específicos da atividade editorial no que concerne aos livros-reportagem, compreendendo-os como projetos que surgem no seio da redação, no âmbito do jornalismo, e atravessam essa fronteira invisível entre jornalismo e literatura. Se nas páginas de jornais, revistas e mesmo em

sites, a reportagem está presa às limitações de formato, no livro-reportagem ela ganha status de texto literário e se liberta da rotina produtiva do jornalismo.

Livro-reportagens, livros-reportagem ou livros-reportagens? Definir o plural para o termo “livro-reportagem” é também uma forma de conceituá-lo. O que é um livro-reportagem? Neste texto apresentamos algumas das referências sobre o assunto (LIMA, 2009; BELO, 2006; MAROCCO, 2010) e outros pesquisadores que recentemente se ocuparam do objeto e publicaram nos congressos da SBPJor. Trata-se de obra que contém reportagem ou texto sob a forma/estilo ou objetivo de produzir uma reportagem? Discutir livro-reportagem e suas variações no campo da Comunicação é também voltar-se às questões de fundo sobre o papel do jornalismo e retomar as teorias do jornalismo que motivam os jornalistas-autores a decidirem por comunicar jornalisticamente por meio de um livro-reportagem.

Para atingir nossos objetivos, está sendo apresentado aqui, como pesquisa de iniciação científica, esse primeiro levantamento dos estudos acadêmicos sobre livro-reportagem apresentados nos últimos anos nos congressos da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Apesar do destaque dado por Maciel (2017) de que “raros pesquisadores se debruçaram sobre o assunto”, foi possível identificar ao menos nove diferentes trabalhos no âmbito dos congressos da SBPJor de 2016 e 2017 que trataram especificamente do livro-reportagem e suas derivações, seja no esforço de conceituá-lo e compreender sua função social, seja apresentando-o como objeto empírico da pesquisa a partir do qual se reflete sobre a prática jornalística ou da editoração de livros. Ao trazer abaixo esse mapeamento dos trabalhos, propomos identificar suas contribuições teóricas.

## **2. A prática do livro-reportagem *versus* o jornalismo na prática**

Alexandre Zarate Maciel abordou em dois trabalhos nos últimos congressos da SBPJor as diferenças entre o fazer jornalístico e a produção de livros-reportagem. O título do seu artigo de 2016 aponta para uma questão que é pano de fundo da sua discussão teórica. A reportagem em livro conseguiria realizar na prática o que o jornalismo

apregoa na teoria: o “compromisso” do livro-reportagem com uma “visão jornalística mais plural”.

De que forma Maciel identifica no livro-reportagem uma oportunidade para se construir uma visão menos estreita da realidade? Ele destaca o fato de o livro-reportagem não estar associado ao dia a dia da redação, permitindo ao autor usufruir de um tempo ampliado para trabalhar:

Contando com a vantagem de não precisar estar atrelado à rotina produtiva de uma redação, em tese com mais tempo para trabalhar os procedimentos de captação do real, como a entrevista e a investigação de fontes documentais, o jornalista que opta pela produção de livros-reportagem tem condições de adotar uma postura mais paciente, humanizada e plural a respeito da realidade que procura narrar. (MACIEL, 2016, p. 4)

Em texto publicado no congresso seguinte, Maciel (2017) retoma sua preocupação com essa produção do livro-reportagem quando apresenta resultado de entrevistas com dez jornalistas, escritores de livro-reportagens brasileiros. Em busca de uma definição do que seria um “típico” livro-reportagem, corrobora com a visão de Catalão Jr. (2010), ao afirmar que o fazer jornalístico é reconfigurado no campo editorial. Para Catalão (apud MACIEL, 2017), “o jornalista que escreve livros engaja-se ‘em uma situação particular de comunicação’, ocupando, portanto, uma ‘posição dialógica singular’ no jornalismo, diferente de quando está inserido nas lógicas produtivas de uma redação”.

Maciel distancia a prática do livro-reportagem do jornalismo convencional ao lembrar, portanto, que este produto é resultado de um projeto individual do jornalista que o produzirá. O autor sai de uma “posição de coadjuvante em uma relação dominada pela empresa, por seus donos, anunciantes, agentes políticos cujos interesses condicionam diretamente o planejamento e a coleta, elaboração e transmissão de informações ao público” (CATALÃO JR., 2010, p. 233). Em relação ao estilo de escrita, o livro-reportagem não conta com a “normatização de procedimentos e de estilos, pelo cultivo da impessoalidade e por restrições temáticas, temporais e de espaço” próprios das redações do jornalismo. (CATALÃO JR., 2010, p. 233)

O livro-reportagem contribuiria também para oferecer ao leitor uma visão mais plural justamente por distanciar-se do jornalismo cotidiano. Apoiado ainda em Edvaldo

Pereira Lima (2009), Maciel (2017) defende que o livro-reportagem superaria uma visão “reduzida”, “cartesiana” da realidade. Preocupado com a caracterização desse formato textual como jornalístico, relembra que o autor de livros-reportagem não deixa de “abordar o real”, ou seja, tê-lo como a “porção mais aparente, visível, concreta, material” do texto, permitindo-se, no entanto, ter muitas vezes na ficção sua estratégia textual.

O livro-reportagem é um produto que se alimenta, portanto, da tradição jornalística da reportagem, partindo sempre do relato de um fato real, mas que possibilita ao seu autor escapar do excessivo regramento do texto jornalístico tradicional na sua busca incessante por dar concretude aos acontecimentos. Lima (2009, p. 131) se colocava a seguinte questão: “Por que não deveria encontrar os pontos de confluência entre o real visível e aquele menos tangível que se insinua camuflado, tímido e fugidio, por detrás dos acontecimentos concretos?”.

### **3. O livro de repórter**

“Livro de repórter” é um conceito desenvolvido a partir das pesquisas de Beatriz Marocco (2010) que tem sido também ponto de partida para trabalhos apresentados recentemente no âmbito dos congressos da SBPJor. Líder do Grupo de Pesquisa Estudos em Jornalismo, Marocco (2010, p. 5) apresentou pela primeira vez a categoria “livro de repórter” num congresso da SBPJor em 2010. Segundo a autora, “um tipo de texto que se ocupa do jornalismo, para dele elaborar outro texto que oferece o desvendamento de certos processos jornalísticos, ou a crítica dos mesmos, em operações de produção de sentidos em que o jornalista, naturalmente, fará um exercício de interpretação criativa do que é considerado jornalismo”. O livro de repórter tem por objetivo explorar o cotidiano do jornalismo sendo uma forma contemporânea de crítica das práticas jornalísticas.

Trabalho apresentado em sessão coordenada, “Crítica das práticas jornalísticas, um pequeno inventário”, de Beatriz Marocco (2016), analisou os livros *O olho da rua e 50 anos de crime*. A pesquisadora que cunhou o termo “livro de repórter” situa a crítica como reconhecimento do presente e como lugar possível para projetar o jornalismo para além de sua imediatez. Como contribuição teórica, ela lista cinco características fundamentais deste tipo de texto: (a) os empréstimos da linguagem literária; (b) o exercício da

crítica, uma vez que a produção desse tipo de livro requer condições diferenciadas e agentes desvinculados da ideia de uma autoria coletiva, normalmente vigente no jornalismo, que resultado do controle discursivo e da racionalidade profissional; (c) humanização das fontes; (d) disponibilidade nas bibliotecas universitárias; (e), extensão do tempo de acontecimentalização<sup>3</sup>, com visibilidade dos efeitos das coberturas.

Para Ângela Zamin (2011), os “livros de repórter” suscitam como objetos de estudo questões que permitem compreender melhor o próprio jornalismo. “Em tais livros, os repórteres narram a construção da reportagem e, ao fazer isso, desvelam as práticas – quer de apuração, de observação ou de coleta de dados – e tecem comentários ao elaborarem formulações para além do que está cristalizado no âmbito do saber jornalístico”.

Esse conceito de livro de repórter em Marocco, debatido por Zamin, é retomado pelos mestrandos da Unisinos, Nathália Silva Carapeços Fucks e Mateus Koelzer, para refletir sobre um objeto empírico: o livro *O olho da rua*, de Eliane Brum (2008). Esse livro de repórter pode ser entendido, na visão desses autores, como crítica às práticas jornalísticas, quando referem à subversão aos modos de objetivação jornalística presente no discurso da repórter-autora. Como uma reflexão sobre o ofício de repórter, o livro traz dez reportagens. Para cada uma, a jornalista escreve um texto comentando os dilemas que enfrentou, as escolhas que fez e os erros que cometeu.

Cabe aqui então, nesta reflexão, fazer essa distinção entre o livro de repórter e o livro-reportagem. Livros que abordam reportagens poderiam ser classificados como livros-reportagem? Para essa digressão, retomamos dois conceitos existentes. Em Lima (2009), o livro-reportagem é apresentado como “veículo de comunicação impressa não periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalísticos periódicos. Por grau de amplitude superior se entende maior ênfase ao tratamento do tema em foco nos aspectos extensivo e intensivo”.

Do mesmo modo, Belo (2006), ao categorizar o livro-reportagem como “instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico”, o autor ressalta a

---

<sup>3</sup> “Acontecimentalização” é termo usado por Michel Foucault (*História da sexualidade 2: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1984). O primeiro sentido de “acontecimentalizar” é referir-se ao surgimento de uma singularidade onde se imaginava existir uma constância histórica, ou seja, uma experiência histórica singular.

característica de ser “veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto”, rico em “possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa” (BELO, 2006, p. 41).

Assim sendo, nota-se que o livro de repórter deve ser considerado como um livro-reportagem, mas levanta-se aqui a seguinte questão: a reprodução em livro de reportagens já publicadas com inclusão de textos complementares, ou seja, com comentários do jornalista em questão, não necessariamente transformarão o produto num livro-reportagem *per se*. Considerando essas duas obras referenciais, o livro-reportagem deve preocupar-se com construção da narrativa, extensão e amplitude do relato, “experimentação”, sem limitar-se a um livro que apenas coleta reportagens.

#### **4. Romances-reportagem, livro-reportagem-viagem e trabalhos de conclusão de curso**

Uma parceria entre José Ferreira Junior e Anderson Roberto Corrêa Pinto retomou, na SBPJor de 2016, o tema dos romances-reportagem de José Louzeiro. Ao analisar os livros *Infância dos Mortos* e *Araceli, meu amor*, do jornalista-escritor José Louzeiro, os pesquisadores refletiram sobre os romances-reportagem da década de 1970 como forma de se expressar e de documentar no período da repressão do regime civil-militar no Brasil. Rogério Borges (2013, p. 260) destaca que “a discussão sobre se um livro-reportagem tem atrelamento maior à literatura do que ao jornalismo vem desde a publicação de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, em 1902”.

No artigo de Ferreira Junior e Corrêa Pinto, o romance-reportagem é apresentado como um gênero de destaque durante a ditadura, por apresentar forte teor de denúncia, resistência e documentação do período, uma forma de combate à censura. Pesquisador que possui tese de doutorado sobre os romances-reportagem, Rildo Cosson (2002) considera que essa forma de escrever livros baseada na realidade vivida e com escrita jornalística leva a um “novo padrão jornalístico no Brasil”, em que se associam linguagem literária a discurso jornalístico e cultura massiva. Rildo Cosson, por sua vez, defende a autonomia desse tipo de texto, ressaltando que analisá-lo sob a ótica excludente da literatura ou do jornalismo não contribui para sua compreensão: “A premissa básica

que nos guia é a identificação do romance-reportagem como um gênero autônomo situado nas fronteiras de dois discursos: o literário e o jornalístico” (COSSON, 2001, p.9).

Também apresentado no último congresso da SBPJor, Eduardo Ritter (2017) apresenta artigo que defende o enquadramento do relato de viagem *A volta do gato preto*, de Erico Veríssimo, como uma narrativa do gênero Jornalismo Literário na categoria de livro-reportagem-viagem. A tipologia proposta por Lima (1993) para a classificação de livros-reportagem identifica a forma “livro-reportagem-viagem, texto que difere do relato turístico e “apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos de realidades possíveis do local” (LIMA, 2009, p.58).

Em livro sobre o jornalismo literário, Monica Martinez (2016) refere às narrativas de viagem jornalísticas como ficcionais, não-ficcionais ou mistas e presentes nos livros-reportagem. Ela lembra: “Com a consolidação do jornalismo no século XIX, muitos jornalistas-escritores publicam em livros-reportagem o excedente de seu material de reportagem ou reflexões sobre suas próprias viagens” (MARTINEZ, 2016, p.80).

Marcos Zibordi apresentou nos últimos dois congressos trabalhos sobre os livros-reportagem estudados por graduandos em trabalhos de conclusão de curso. Nele o pesquisador explorou o conceito de livro-reportagem como ampliação jornalística, segundo o qual a narrativa jornalística de fôlego pode ampliar limites tanto da atividade jornalística quanto literária. Segundo Lima, o livro-reportagem elimina, de forma parcial, “o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística” (LIMA, 2009, p. 16).

Marcos Antônio Zibordi pesquisa com graduandos o livro-reportagem como um produto jornalístico capaz de superar restrições da cobertura da imprensa diária e que pressupõe uma narrativa de fôlego, “aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos de informação jornalística” (LIMA, 2009, p. 4). Em 2017, sob o título “Graduandos em jornalismo tendem a escrever livros-reportagem sobre direitos humanos?”, o pesquisador conclui que os estudantes de graduação, ao pautar temas humanitários em trabalhos de conclusão de curso, tenderão à produção de textos que se aproximam do livro-reportagem, tanto pela extensão quanto verticalização da



abordagem. Como prática, o livro-reportagem amplia os limites dos procedimentos comuns de captação, redação e edição jornalísticas, a começar pela temática, que não deve se restringir aos assuntos previstos pelas editorias historicamente estabelecidas, como política, economia, esporte e cotidiano – e mesmo que o assunto seja enquadrável em alguma delas, os resultados serão diferentes na cobertura em profundidade.

## 5. Considerações finais

Este é um artigo que apresenta os primeiros resultados de pesquisa de iniciação científica em Jornalismo na PUC-Rio. A proposta inicial é localizar a forma livro-reportagem como se apresenta hoje, sendo um relevante gênero do mercado editorial e ao mesmo tempo uma forma de se fazer jornalismo. Nosso objetivo de pesquisa é estudar o livro, seja na forma impressa, seja digital, como um meio de comunicação, mas também como espaço de prática jornalística, em que se publica textos enquadrados no gênero textual jornalístico de reportagem.

Este esforço é apenas o primeiro resultado, referente à primeira etapa da pesquisa. Nessa fase, busca-se mapear estudos acadêmicos sobre o livro-reportagem no Brasil. A partir de pesquisa a ser realizada nos repositórios on-line dos principais encontros nacionais de pesquisadores em Jornalismo e em Comunicação (Intercom, SBPJor e Compós), ao detectar as pesquisas recém-publicadas, identificaremos as diferentes potencialidades e formas de contribuição para a pesquisa acadêmica em livro-reportagem.

## Referências

BELO, E. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Rogério. **Jornalismo literário: teoria e análise**. Florianópolis: Insular, 2013.

CATALÃO JR., A. H. **Jornalismo best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese doutorado – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. 2010.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: UNB, 1994.

COSSON, R. **Do romance-reportagem como gênero**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 1989.

COSSON, R. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FUCKS, Nathália Silva Carapeços; KOELZER, Mateus. Livro de repórter: a construção do olhar sensível do jornalista sobre o outro a partir da crítica das práticas. In: **15º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2017, SBPJor**.

GOMBERG, Felipe. **A aura do livro na era de sua reprodutibilidade técnica**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Comunicação Social. PUC-Rio, 2006.

GOMBERG, Felipe. **Coleção Os Pensadores: aura do livro e mercado editorial**. Tese de Doutorado. Departamento de Comunicação Social. PUC-Rio, 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: livro-reportagem como extensão do jornalismo**. São Paulo: editora Manole. 4ª edição, 2009.

MACIEL, Alexandre Zarate; ROCHA, Heitor Costa Lima da. Revisando paradigmas: Livro-reportagem e o compromisso com uma visão jornalística mais plural da realidade. In: **14º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2016, SBPJor**.

MACIEL, Alexandre Zarate. “Pressão da editora é mínima. A pessoal é enorme”: Jornalistas e a produção do livro-reportagem. In: **15º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2017, SBPJor**.

MAROCCO, Beatriz. A contribuição dos “livros de repórteres” para uma análise dos discursos jornalísticos sobre marginalidade. In: **8º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2010, SBPJor**.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. In: **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p. 39-56, jan-abr./2016.

RITTER, Eduardo. A volta do gato preto: a narrativa de viagem como jornalismo literário na obra do Dr. Erico Verissimo. In: **15º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2017, SBPJor**.

ZAMIN, Angela. Livros de repórter, saberes de entremeio: relatos jornalísticos sobre a cobertura de conflitos. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 8, p. 389-405, 2011.

ZIBORDI, Marcos A. Graduandos em jornalismo tendem a escrever livros-reportagem sobre direitos humanos? In: **15º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2017, SBPJor**.

ZIBORDI, Marcos A. Livro-reportagem: formato jornalístico para pautas humanitárias? In: **14º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Jornalismo 2016, SBPJor**.